

## REGISTRO BIBLIOGRÁFICO

**BASTOS, Wilson de Lima - Meus Patronos. Juiz de Fora, Edições Paraibuna, 1991. 140p**

Este é o 47º livro do autor de Juiz de Fora em sua diversificada obra literária. Como ele mesmo o diz na introdução, "sente-se gratificado com a presente publicação", pois considera ventura e também grande honra ter sido agraciado com a patronímica de varões ilustres e de relevância nacional pelo que foram e pelo que realizaram. Integrande de diversas entidades culturais de Minas Gerais e do Rio de Janeiro (e também de São Paulo), reúne o autor neste volume perfis de seus patronos nas muitas instituições de que participa. Assim, Alceu de Amoroso Lima, Alphonsus Guimaraens, Guilherme Auler, Pandiá Calógeras, José Cesário de Miranda Rosa (Visconde de Uberaba), Lindolfo Gomes e ainda Antônio Carlos Ribeiro de Andrada (na época presidente do Estado de Minas), paraninfo de prêmio recebido pelo autor quando aluno dos Grupos Escolares Centrais de Juiz de Fora. O volume transcende de seu objetivo aparentemente circunstancial para se transformar numa apreciável contribuição à história cultura brasileira. ONM (Cortesia do autor)

**CALDEIRA, José de Ribamar C. - O Maranhão na literatura dos viajantes do século XIX. São Luís, AML/Sioge, 1991. 96p (Col. César Marques, v. 2).**

Reconhecendo que o Maranhão, ao contrário do que ocorreu em outras províncias, não foi das regiões mais visitadas pelos viajantes estrangeiros que no século passado andaram pelo país, conseguiu o autor realizar apreciável trabalho de avaliação do que escreveram os que perlustraram as terras maranhenses. De Koster (1811) ao casal Agassiz (1865), mais oito viajantes foram arrolados e de todos eles o autor respigou dados interessantes para a compreensão do Maranhão na época visitado por Pohl, Spix e Martius, D'Orbigny, Kidder,

Gardner, Adalberto da Prússia, Biard e Avé-Lallement. Com toda a propriedade, observa que "enquanto a maioria dos viajantes que transitaram pela região na primeira metade do século XIX, demonstraram interesse por muitos dos diversos aspectos do meio que visitavam, indicando uma forma de reconhecimento deste, o mesmo não ocorreu com os que estiveram na região na segunda metade do referido século. Por esse motivo, as informações dos viajantes que passaram pelo Maranhão anteriormente a 1850 são mais ricas e numerosas que as daqueles que o visitaram a partir daquela data". (Cortesia do autor).

HAYES, Robert A. - Nação Armada: a mística militar brasileira ("Armed Nation"). Trad. Delcy G. Doubrawa. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1991. 266p (Publ. nº 592; Col. "General Benício", v. 278).

"Ao longo da História podemos observar que todas as civilizações e todos os fatos de registro histórico estão sempre, de certa forma, associados a eventos de características militares. A evolução da Humanidade está até hoje, em nossos dias, de maneira maior ou menor, atrelada aos acontecimentos relevantes ocorridos através de conflitos armados. Assim, a importância de pensamento militar no contexto das análises e dos estudos sociológicos deve sempre ressaltar o seu real significado, o seu devido peso" (da apresentação). É este "real significado" e este "devido peso" que o autor procurou mostrar neste volume em que estuda a "mística militar brasileira", manifestada nos momentos mais significativos de nossa história, desde o início até o governo João Baptista Figueiredo. Obra de pesquisa séria e muito ampla, em que um autor, um "Brazilianist", vem "ratificar a noção de que a expressão militar na contextura social é inegavelmente enorme e que sempre deve ser encarada como parte indissolúvel no estudo da problemática nacional".

LOPES, Maria Margaret/Figueiroa, Silvia (org) - O conhecimento geológico na América Latina: questões de História e Teoria. Campinas, Instituto de Geociências da Unicamp, 1990. 318p

Importante contribuição à história da ciência no Brasil é o belo volume **O conhecimento geológico na América Latina**, reunindo

trabalhos multinacionais apresentados ao Primeiro Colóquio Brasileiro de História e Teoria do Conhecimento Geológico, realizado em Campinas, sob o patrocínio da Unicamp, no inverno de 1988. Respondem pelo volume as Professoras, Maria Margaret Lopes e Sílvia Figueiroa, ambas integrantes do Instituto de Geociências da universidade campineira. O nome de Sílvia Figueiroa já é familiar aos que se interessam pela história da ciência no Brasil, pois já lhe devemos excelente estudo histórico sobre a antiga Comissão Geológica de São Paulo, com o qual, iniludivelmente, resgatou a memória da benemérita Instituição e do imenso trabalho por ela empreendido desde os tempos de Orville Derby para o reconhecimento geográfico e geológico do território paulista. Já nos ocupamos de seu livro quando de seu aparecimento e não julgamos necessário repetir o que então escrevemos. Reservamo-nos apenas o direito de ressaltar mais uma vez o excelente trabalho que a jovem e dedicada cientista vem realizando no campo de sua especialidade, a princípio no Instituto Geológico de São Paulo (herdeiro da antiga Comissão Geológica) e atualmente na Universidade Estadual de Campinas. Os trabalhos constantes do volume que aqui se registra "mostram uma gama variada de interesses e preocupações, traduzindo a interdisciplinariedade desses campos do conhecimento bem como a multiplicidade de abordagens possíveis". Dividido em quatro seções, reúne o volume 23 colaborações e mais uma "mesa redonda" para o debate sobre as fontes para a história da ciência geológica. O colóquio contou com a participação de mais de oitenta expressivos nomes da ciência não apenas de São Paulo e do Brasil, mas também de outros países, como Inglaterra, Alemanha, Rússia, Costa Rica, México e Peru. Registre-se que as organizadoras do volume comparecem com dois importantes trabalhos, um sobre os museus de Geologia do Brasil (Margaret Lopes) e outro, de Sílvia Figueiroa, sobre uma acirrada controvérsia científica envolvendo a Escola Politécnica e a Comissão Geológica e Geográfica, assunto pouco sabido, mas de extrema importância para o conhecimento da vida científica de São Paulo no início do século. Como a própria autora o diz, seu trabalho "não se propõe a realizar um anacrônico e despropositado julgamento em termos de 'certo' ou 'errado', mas sim a partir da análise de fontes primárias e secundárias, contribuir, em primeira instância, ao esclarecimento deste determinado fato histórico

e, em segunda instância, à relativização do conhecimento científico e da imagem do cientista". ONM (Cortesia do Instituto de Geociências da Unicamp).

MALATIAN, Teresa M. - Os cruzados do Império. São Paulo, Contexto, 1990. 140p. (Série República).

O sentimento monárquico nunca desapareceu de todo no Brasil. É pouco provável que venha a alcançar a restauração do regime destruído em 1889, mas isto não constitui razão para que ele seja ignorado. A República foi sempre muito injusta (talvez cruel) para com os monarquistas. Ao contrário do Império, que permitiu a existência de um Partido Republicano visando destruí-lo, a República, pela famosa "cláusula pétrea" (só abolida pela última constituição) nunca permitiu a existência de um Partido Monárquico. Eis porque as manifestações monarquistas aparecem sob rótulos um tanto disfarçados, vinculadas às vezes a movimentos políticos direita ou, o que é mais freqüente, a movimentos católicos. Para o conhecimento destes interessantes "cruzados do Império" em plena República, é substancial o livro que vem de publicar a historiadora ituana (radicada em Franca). E de todos os movimentos, a autora dá maior ênfase ao que foi liderado por um seu conterrâneo, o também ituano Arlindo Veiga dos Santos, denominado "Ação Imperial Patrianovista Brasileira", e que alcançou excelente repercussão, alimentado, pode-se dizer, em grande parte pela dedicação de seu fundador. O autor desta nota teve oportunidade de conviver com Arlindo Veiga de Santos nos tempos saudosos da antiga Faculdade de Filosofia de S. Bento (incorporada posteriormente à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), e embora não comungasse com suas idéias, nunca deixou de reconhecer a sinceridade e diria mesmo a honestidade de seu trabalho. O livro que vem de publicar a Professora Malatian parece-me único na bibliografia histórica brasileira e abre numerosas perspectivas para estudos paralelos dentro do interessantíssimo tema. Papel de verdadeiro "cruzado" desempenhou a autora no trabalho que realizou respigando fontes nunca dantes consultadas ou pouco valorizadas como ela o fez. ONM (Cortesia da autora)

MOURA, Carlos Francisco -Diversos. O Arquiteto Carlos Francisco Moura há muito vem se revelando estudioso de temas mato-grossenses. Sua produção consta já de cerca de quinze títulos, entre livros e opúsculos, demonstrando todos acentuado interesse pelos fastos do Oeste brasileiro, notadamente nos domínios da arte, da náutica, da história militar, esta ligada aos problemas da defesa na época colonial. Obsequiou-nos ele há pouco com sete novos títulos, que nos comparamos em registrar: 1. A Expedição Langsdorff em Mato Grosso (Imprinta Gráfica/Univ. Federal de Mato Grosso, 1984), divulgando pela primeira vez numerosos desenhos inéditos de dois integrantes da famosa expedição: Amado Adriano Taunay e Hércules Florence; 2. Biografia de Antônio Rolim de Moura (Cuiabá, Imprensa Universitária, 1982), primeira biografia de um dos mais competentes governadores da época colonial, baseada em copiosa documentação inédita do século XVIII, inclusive preciosa coleção de cartas existentes nos arquivos portugueses; 3. A contribuição naval à formação territorial do Extremo-Oeste (Rio de Janeiro, 1986), estudo das chamadas "canoas de guerra" e de sua importância na defesa da região mato-grossense; informa o autor que esta monografia mereceu uma segunda edição pelo prestigioso Museu da Marinha, de Lisboa; 4. Os paiaguás, índios anfíbios do rio Paraguai, trabalho apresentado à Quinta Reunião Internacional de História da Náutica e da Hidrografia, (Separata dos Anais Hidrográficos, tomo 41, 1984), primeira contribuição de pesquisa publicado em português sobre os famosos índios canoeiros do Pantanal; 5. Os caravelões brasileiros; 6. Figuras de proa portuguesas e brasileiras; e 7. Figuras de proa do Tocantins e carrancas do São Francisco. Refletem estes três últimos separatas da revista "Navigator", do Serviço de Documentação da Marinha, o interesse do autor pelos estudos de náutica, originais contribuições a um melhor conhecimento do assunto. Agradecendo a cortesia do autor, indicamos seu endereço para os eventuais interessados em contatos neste campo de estudos: Caixa Postal 3064, Rio de Janeiro, RJ.

MULLER, Fritz - Fatos e argumentos a favor de Darwin. Apresentação e trad. do inglês por Hitoshi Nomura. Co-edição Fundação Catarinense de Cultura/Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais/Departamento Nacional da Produção Mineral. Rio de Janeiro, 1990. 106 p.

Excelente contribuição à história da ciência vem de prestar o dr. Hitoshi Nomura traduzindo pela primeira vez para a nossa língua o estudo de Fritz Müller sobre Darwin. A obra do naturalista inglês, como é sabido, deu ensejo a uma série interminável de polêmicas, como se os cientistas de todo o mundo tivessem se dividido em "pró-Darwin" e "contra Darwin". Na América do Sul - informa o dr. Nomura - o único a se manifestar a favor do autor da **Origem das espécies** foi o naturalista Fritz Müller, por intermédio de seu pequeno livro **Für Darwin**, publicado em Leipzig, em 1864. Nascido em 1822, Fritz Müller veio para o Brasil em 1852 e engajou-se como colono em Blumenau, localidade havia pouco fundada pelo seu compatriota dr. Hermann Blumenau. Trabalhou posteriormente como naturalista a serviço do governo catarinense, e faleceu em Blumenau em 1897. Em sua longa permanência no Brasil, manteve assídua correspondência com grandes cientistas europeus, entre eles Agassiz, Schultze, Haeckel, von Ihering e o próprio Darwin. Esta sua correspondência foi publicada em volume na cidade de Jena, em 1921. Mas, seu trabalho em prol de Darwin foi, na realidade o único livro que publicou, e dele já se ocupara demoradamente Roquette Pinto em seu opúsculo **Glória sem Rumor**, de 1929. Mas, só agora, graças ao dr. Hitoshi Nomura, naturalista radicado em Campinas, com excelente folha de serviços à ciência, particularmente à Zoologia, podemos dispor do texto integral do sábio alemão, tão ligado ao Brasil. Preciosa contribuição, como se disse à história da cultura em nosso País. (Cortesia do dr. Nitoshi Nomura).

YAMASHIRO, José - Choque luso no Japão dos séculos XVI e XVII. Pref. Benedicto Ferri de Barros. São Paulo, Ibrasa, 1989. 164 p. (Bibl. "História, Explorações e Descobertas", v. 36)

Neste volume, procura o autor - baseado em obras japonesas, portuguesas, americanas, inglesas, etc. - narrar de modo sucinto "as aventuras e desventuras dos portugueses nas terras nipônicas nos séculos XVI e XVII. Destaca-se, em especial, a contribuição que eles tiveram no lançamento da semente da cultura ocidental, fator vital que facilitou a rápida modernização, ou melhor, a ocidentalização do Japão. Eles foram os grandes pioneiros da introdução da cultura ocidental, em particular do Cristianismo. Assim como o Cristianismo sobreviveu (cultuado oculta ou disfarçadamente por

ardorosos fiéis) à violenta repressão do xogunato, as ciências e técnicas da Europa levados pelos lusitanos ao Japão não desapareceram no vórtice da perseguição aos cristãos". (Da Introdução). À pergunta "Que impacto terão causado tais relações na cultura e na história nipônicas?" proposta pelo prefaciador, ele próprio responde: "Yamashiro nos dá as opiniões correntes entre historiadores ocidentais e nipônicos. Alerta-nos contudo para o fato de que elas não apenas são contraditórias mas devem ser tidas como inconclusas, porque a própria historiografia do período não esgotou o estudo de seus documentos e só mais recentemente começam a se empreender estudos interpretativos de maior profundidade. (...) É nesse aventuroso torvelhinho de fatos prenes de gigantescas conseqüências que Yamashiro nos introduz, com sua honesta e abalizada exposição dos acontecimentos, aqui e ali nos advertindo quanto a dois pontos capitais: de que não percamos de vista e referência o que se passa à volta, pelo resto do mundo; e de que, como ele, nos resguardemos, com humildade e prudência, do tolo orgulho de conclusões precipitadas, pois os meios, os caminhos, o sentido dos fatos e da cultura que por eles se decanta, continuam sendo o grande mistério e fascínio da História". (Cortesia do autor).

\*

## PERIÓDICOS

**Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense**, vol. 47. Curitiba, 1990. **Conteúdo:** Caminhos do tropeirismo no Brasil meridional (Roselys Vellozo Roderjan); Romário Martins: as múltiplas facetas de um homem integral (Ayrton Ricardo dos Santos); A proclamação da República e a mudança da política de terras: o caso do Paraná (Odah Regina Guimarães Costa); Ocupação das terras no Paraná e transformações sociais (Mário Marcondes de Albuquerque); Tropeirismo paranaense (Oney Barbosa Borba); Assungui (Atílio Barbosa); Reminiscências de um rádioamador (Plínio Tourinho); Província do Paraná (Júlio Mo-reira); Páginas antigas (Brasílio Ferreira da Luz); A agonia de uma cidade heróica (João Cândido Ferreira); 1847: um enforcamento em Curitiba (Ernani Costa Straube); Episódios da Revolução Federalista (Vítor do Amaral); Paula Gomes (transcr.). **Contatos:** r José Loureiro, 43, Curitiba PR.

**Cadernos CERU**, nº 3, série II. Centro de Estudos Rurais e Urbanos. São Paulo, 1991. Conteúdo: Liberdade e igualdade: reflexões sobre o campesinato sertanejo e política (Margarida Maria Moura); Rezas ao sol: memória e tradição na Missa do Vaqueiro em Serrita PE (Janirza Cavalcante da Rocha Lima); A propaganda republicana na Província de São Paulo (Alice Beatriz da Silva Gordo Lang); A formação dos professores no Brasil, do Império à Primeira República (Maria Christina S. de Souza Campos); A socialização na delinquência (Sérgio Adorno e Eliana Bordini); Técnicas qualitativas e quantitativas de pesquisa: oposição ou divergência? (Heloisa Fernandes, Marli André e Heloisa Helena Teixeira de Souza Martins). Contatos: Caixa postal 8105, São Paulo.

**História: Questões & Debates**, ano 10, nºs 18 e 19, Associação Paranaense de História, Curitiba, jun/dez 1989. Conteúdo: A "Guerra dos Maribondos": uma revolta camponesa no Brasil escravista (Guilherme Palacios); Velhos e novos nacionalismos: Heimat, Vaterland, Gastland (Marionilde Dias Brepohl de Magalhães); A Liga Pangermânica e o perigo alemão no Brasil: análise sobre dois discursos étnicos irredutíveis (Giralda Seyfert); Preconceitos de sangue (René E. Gertz); 1955: o voto "verde" em Curitiba (Décio Roberto Szvarça e Maria Lúcia Cidade); Uma igreja no estado livre: o discurso da hierarquia católica sobre a República (Euclides Marchi); Igreja versus Governo: opções políticas na transição democrática brasileira (Cristiano German); O jacobinismo nos primeiros anos da República: seus ódios, suas razões e a criação de uma idéia de nação (Gladys Sabina Ribeiro); A propósito de Capistrano (Denise G. Bottmann); Conscientização histórica frente a pós-modernidade: a história na era da "nova intransparência" (Joan Rüssen); Sobre o conceito de identidade nacional (Cristian Meier); Nietzsche e a história: considerações sobre "Da utilidade e dos inconvenientes da história para a vida" (José Borges Neto); Peter Gay: a experiência burguesa da rainha Vitória a Freud (Francisco Moraes Paz). Contatos: Caixa Postal 1538, Curitiba PR.

**Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina**, nº 9. Florianópolis, 1990. Conteúdo: Centenário de Lindolfo Collor (Licurgo Costa); Um retrato pintado por Victor Meirelles (José

Guilherme Reis Leite); Perspectivas de estudo da herança cultural italiana em Santa Catarina (Walter F. Piazza); A contribuição da Congregação das Irmãs da Divina Providência na área educacional de Santa Catarina (Maria Regina Boppé); De pai para filho: a empresa familiar catarinense (Sérgio Schmitz); Ideologia dos industriais catarinenses (Rufino F. de Almeida); O capitão-mór Sebastião Fernandes Camacho (Antônio Roberto Nascimento); o lugar da sogra na família moderna (Joana Maria Pedro); Germanismo e Luteranismo nas comunidades teuto-brasileiras: um breve estudo desta profunda correlação (João Klug); O nome Guamaranga e a elucidação histórica de Guaramirim (José Alberto Barbosa); Sejam todos bem-vindos (Paschoal Apóstolo Pitsica). Contatos: Caixa postal 1582, Florianópolis SC.

**Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo**, vol. 85. São Paulo, 1990. **Conteúdo:** 25 de janeiro de 1990 (Duflío Crispin Farina); Mário Savelli (Odilon Nogueira de Matos); O historiador Washington Luís (Célio Debes); O presidente Tancredo Neves (Sílvio Marone); Professor Antônio Queiroz Filho (Ruy Rebelo Pinho e Paulo Bomfim); Antônio Sales: cem anos de estréia em livro (Caio Porfírio Carneiro); Villa-Lobos, 30 anos depois (Vasco Mariz); Evocação do Duque de Caxias (Cláudio Moreira Bento); A influência de Ortega y Gasset no Brasil (Adérito Calado); César Franck, a vocação do sublime: reflexões sobre um centenário (José da Veiga Oliveira); Maimonidas-Rambam (Moisés Gicovate); Algumas considerações sobre os titulares que formaram a nobreza brasileira (Lycurgo de Castro Santos Filho); Do ofício de historiador (Edmundo Zenha); Itaquaquecetuba e suas origens (Pe. Hélio Abranches Viotti SJ); Gente de São Paulo (Celso Maria de Mello Pupo); 1932 à luz da propaganda (Roberto Machado Carvalho); Historiografia econômica da República (A. Roberto de Paula Leite); A relação homem-animal na História (J. Pereira); Reedição cem anos depois (Odilon Nogueira de Matos); Os primórdios do Colégio São Joaquim, de Lorena (José Geraldo Evangelista); Semana Euclidiana/90 (Moisés Gicovate); Cronologia do Cel. Luiz Tenório de Brito (Roberto Machado Carvalho); Dom João Bosco (Renato Báez). Atas; relatórios, homenagens aos sócios falecidos, Contatos: r. Benjamin Constant, 158, São Paulo.